

PORTUGAL, O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO EM 1493 E 1993 *

Frédéric Mauro

A história do passado permite uma melhor compreensão do presente, que nela encontra suas origens. A comparação entre passado e presente é, pois, esclarecedora para o segundo. Mas ela o é também para o passado: o presente continua sendo o ponto de onde se parte para alcançá-lo. Partamos de 1993. Veremos, em seguida, como 1493 explica 1993 e, inversamente, como 1993 nos conduz a 1493.

PORTUGAL, O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO EM 1993

Em 1º de janeiro de 1993, o grande Mercado Comum Europeu existe plenamente; as antigas fronteiras econômicas são abolidas. Os diferentes fatores de produção e os produtos de consumo circulam livremente pelo território dos *Doze*. Escolhemos estudar, numa tal situação, os trunfos e o papel de três atores essenciais: Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico.

1. Portugal

Um território de cerca de 100.000 km² alimentando uma população superior a 10 milhões de habitantes e com uma densidade superior a 100

Traduzido do francês por Carlos A. A. Ferraz e Araújo. E-mail: carlosalfa@uol.com.br.

POLITEIA: Hist. e Soc.	Vitória da Conquista	v. 2	n. 1	p. 13-20	2002
------------------------	----------------------	------	------	----------	------

habitantes por km², aproximadamente equivalente à da França. Talvez o país que ainda continua a ser o menos desenvolvido da Europa Ocidental e o mais distanciado dos grandes centros industriais. Isso explica por que ele é, entre os países mediterrâneos, aquele cuja taxa de emigração está entre as mais altas do mundo.

Mas os emigrantes enviam importantes remessas a Portugal. Além disso, sendo historicamente um grande foco de civilização, Portugal é muito atrativo para os turistas. Isso representa uma importante fonte de lucros para a sua balança comercial. Portugal comandou também um importante império colonial que originou um mundo lusófono: Brasil, Angola, ilhas do Golfo da Guiné, Moçambique, Índia portuguesa, Macau, Flores e Timor. Isso faz da língua portuguesa a terceira língua europeia mais falada no mundo, depois do inglês e do espanhol, antes do francês.

Relações econômicas privilegiadas foram mantidas entre Portugal e esse mundo lusófono e também com os demais países que consistiram em alvos principais das migrações portuguesas: França, Estados Unidos da América do Norte, Venezuela. Os portugueses se preocuparam com a concorrência que sua agricultura e sua indústria viriam a enfrentar no mercado comum. Mas grandes progressos foram realizados nessas áreas e, em vinte anos, o perfil econômico de Portugal se tornou irreconhecível. A infra-estrutura procura acompanhar esses progressos, não sem dificuldades. Há pouco tempo, demoramos duas horas, de carro, para ir do aeroporto de Porto à cidade de Braga. Esta *cité*, que há séculos conservava uma calma monástica e parecia feita para a meditação espiritual, tornou-se um importante centro industrial e universitário.

Todavia, o *aggiornamento* econômico português não pôde ser feito em alguns anos, apesar do papel considerável que nele desempenham as relações exteriores. Ora, Portugal possui um outro trunfo: sua situação geográfica, seja no continente europeu, seja nas ilhas atlânticas que o prolongam.

Portugal está situado na ponta sudoeste extrema da Europa. A embocadura do Tejo e o Mar de Palha podem abrigar numerosos navios. O aeroporto de Lisboa é o primeiro apoio continental para os aviões que vêm do Oeste. A Irlanda e a Islândia são apenas ilhas; em matéria de ilhas bem situadas, Portugal leva vantagem: conta com os arquipélagos dos Açores e de Madeira, atualmente munidos de aeroportos modernos. Desses diferentes

pontos, os ocidentais podem assegurar a vigilância do Oceano: vigilância aérea, da superfície e das profundezas de suas águas. Na época em que os cabos submarinos eram essenciais, Horta, na ilha açoriana de Faial, era uma importante estação desses cabos. Na Aliança Atlântica da OTAN, Madeira pertencia ao dispositivo naval comandado de Lisboa, enquanto que os Açores ao comando de Norwich (EUA). Percebe-se, assim, o papel intermediário dessas ilhas que tanto serviram como pontos de ligação entre os dois continentes, Europa e América, seja durante, seja depois da Segunda Guerra Mundial. Desse papel das ilhas, Portugal soube extrair vantagem econômica e financeira: locação das bases, efeito multiplicador da presença de navios, de aviões ou de serviços aliados.

Além disso, essas ilhas se tornam cada vez mais importantes economicamente. O Arquipélago de Madeira, com mais de 250.000 habitantes numa área de 817 km², atinge a densidade de 307 habitantes por km². Os Açores, com 260.000 habitantes em 2.344 km², têm densidade 110, equivalente à média nacional. Esse conjunto continua importante para o papel que Portugal pode desempenhar na Europa.

2. Portugal e o Mediterrâneo

O paradoxo é bem conhecido: Portugal não tem nenhuma fachada sobre o mar interior. Todavia, foi demonstrado que era um país mediterrâneo. Nos vem à memória o belo livro de Orlando Ribeiro, **Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico**. Albert Silbert, um pouco mais tarde, publicou sua tese sobre a história agrária do Portugal mediterrâneo. Nos interessa aqui o fato de Portugal estar situado na entrada do Mediterrâneo e, de certo modo, junto com a Espanha e o Marrocos, controlar essa entrada. Ora, na Europa que se esboça, o Mediterrâneo pode ter um papel importante a exercer em função do Magrebe, isto é, dos países africanos que se encontram do lado de cá do deserto ou, na definição francesa tradicional, os três países da África do Norte. Há uma tendência atual a acrescentar no Magrebe a Líbia e até o Egito e a Mauritânia. No mínimo, 100 milhões de habitantes por volta do ano 2000. Portanto, 100 milhões em face dos 300 milhões de europeus que possuem um território mais rico que o Magrebe. E 100 milhões de pessoas que talvez conhecerão uma unidade mais forte do que a conhece o Magrebe atual, dividido em vários Estados. Sem dúvida, os projetos de convergência política

fracassaram, mas as tentativas de harmonização econômica avançaram e nada indica que elas não poderão ser bem sucedidas um dia. Desde 1964, os ministros da economia de quatro desses países têm-se reunido regularmente e criaram organismos comuns que desapareceram em 1970. Em seguida, foi criado o Comitê Permanente Consultivo Magrebino (C.P.C.M.), que se chocou com a oposição dos partidários do neoliberalismo e do investimento estrangeiro e, também, dos partidários do desenvolvimento autocentrado e do socialismo.

Ora, o Magrebe tem mais chances de ser econômica e, por consequência, politicamente independente na medida em que será, ele próprio, mais profundamente integrado. E a melhor maneira de integrá-lo à economia mundial será, sem dúvida, mediante sua integração em um conjunto euro-árabe no Mediterrâneo. É perceptível o interesse que pode apresentar esse novo *mare nostrum*, quaisquer que sejam os métodos que serão empregados para alcançá-lo. Ao final, na saída desse conjunto no Atlântico, encontrar-se-á Portugal, que então se tornará uma das portas de uma Euráfrica, cuja capital estará, sem dúvida, localizada entre Nápoles e Barcelona. Naturalmente, os acontecimentos sobrevindos do lado de lá do que foi, durante muito tempo, a *Cortina de Ferro*, podem modificar em muito a idéia que hoje temos dessa futura Euráfrica. Mas isso praticamente não mudará o papel de Portugal.

3. Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico

Portugal encontra-se, realmente, localizado entre dois *Mediterrâneos*. De um lado, a Euráfrica da qual acabamos de tratar e da qual ele é uma das chaves. De outro, aquele do Atlântico sul-oriental que poderia ser chamado *Mediterrâneo português*, pois foi criado por Portugal. Efetivamente, o espaço limitado pela costa portuguesa, marroquina, mauritana, senegalesa por um lado, e pelos Açores, Madeira, Ilhas Canárias e ilhas do Cabo Verde por outro, forma uma espécie de Mediterrâneo, aquele que ladeia Portugal e a Euráfrica.

Pelo papel demográfico, econômico, político e militar que Portugal aí desempenha, trata-se, verdadeiramente, de um Mediterrâneo português. Ele é, sem dúvida, um mar muito aberto, um *Mediterrâneo aberto*, por oposição ao outro, que é um Mediterrâneo fechado. Mas esse Mediterrâneo aberto pro-

longa o outro, particularmente pelas relações que desenvolve com o Marrocos, as Ilhas Canárias espanholas e todas as zonas lusófonas do Atlântico e de além-Atlântico.

A prosperidade desse Mediterrâneo atlântico dependerá, pois, do desenvolvimento do Mediterrâneo eurafriano, do Magrebe e das relações que ele poderá facilitar entre estes e o mundo atlântico. Esta prosperidade será maior na medida em que as relações da Europa e da Eurásia com a América se mantenham e se reforcem.

Concluamos essa primeira série de observações: Portugal não se encontra diante de uma escolha entre o que seria uma política continental, europeia, virando as costas para o mar, e uma política marítima, atlântica, direcionada aos países de além-mar. No ponto de encontro de dois Mediterrâneos importantes, ele pode exercer um papel decisivo como ligação forçada entre a Eurásia e a América. Basta saber utilizar adequadamente esse trunfo: nesse aspecto, podemos confiar na habilidade e no espírito de abertura dos portugueses.

PORTUGAL, O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO EM 1493

No fundo, seríamos tentados a dizer: Portugal, em 1993, pode retomar uma posição que era sua em 1493, quando eclodiu a notícia da volta de Colombo.

1. Portugal

Guardadas as devidas proporções, Portugal é, em 1493, um país importante do Ocidente cristão. Reconquistado sobre os muçulmanos antes da Espanha e já preparado para as grandes viagens pelo Mediterrâneo do Atlântico sul-oriental, que já existe no século XV. É este Mediterrâneo o *laboratório* marítimo do infante D. Henrique, o Navegador e dos cosmógrafos de D. João II. Nele já se estabelece um certo equilíbrio econômico pela complementaridade das ilhas: trigo dos Açores, açúcar de Madeira, ouro de Guiné, produtos manufaturados fornecidos pela Europa através dos portos de Portugal continental, produtos africanos fornecidos pelo Marrocos, ponto de parada das caravanas. Esse *Mediterrâneo atlântico* já atrai toda a Europa. É sabido o papel dos banqueiros e negociantes italianos em Lisboa na mesma

época. Um dos melhores textos sobre Madeira é de um italiano: Landi. Os alemães participam também dessa aventura. Martin Behaim, descobrindo as possibilidades e as riquezas lusitanas, queria encorajar seus compatriotas de Nuremberg a ir explorá-las. Graças a impressores como Valentim Fernandes, suas idéias foram difundidas rapidamente.¹ É conhecida a curiosidade malsã do holandês Linschoten. A atividade marítima é ainda estimulada pela chegada dos marranos (judeus) fugidos da Espanha que se instalam na capital portuguesa, nos outros portos e nas ilhas.

2. Portugal e o Mediterrâneo

Sem dúvida, o declínio do Mediterrâneo com a descoberta do caminho do Cabo e da América foi tratado de modo um tanto breve. Na realidade, como o mostrou Fernand Braudel em **La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II**, o Mediterrâneo ainda é um mar muito importante na segunda metade do século XVI, e a batalha naval de Lepante que, em 1571, alivia a Cristandade ocidental da pressão muçulmana, prova a luta sempre renhida entre os dois protagonistas pela dominação do *mare nostrum*. Comandar as bocas desse *mare* já é muito importante, bem como conter os navios de longo curso, de pirataria e desse intermediário entre os dois, chamado corsário² - embarcações que tentam se espalhar no Mediterrâneo atlântico e que tornam perigosos os caminhos de retorno entre os Açores e o continente. Se, pelas especiarias vindas da Ásia, Anvers tem, no século XVI, o papel de redistribuidor para a Europa do Norte (papel para o qual ela será substituída por Amsterdã no século XVII e Londres no XVIII), Lisboa, prolongada por Gênova e Livorno, exerce esse mesmo papel, cada vez mais em função do Mediterrâneo. Ora, esse Mediterrâneo é muito rico no século XV e continua muito rico no século XVI. Durante o primeiro, o comércio veneziano e o comércio genovês são muito prósperos, como também o são as indústrias têxteis de Milão, de Florença e de várias outras cidades italianas. Nápoles tende a se tornar um porto de exportação de produtos agrícolas e de importação de produtos manufaturados, o que conduzirá, com *Charles*

¹ Sobre os italianos, RAU, V. Bartolomes di Servanni, Mercador-Banqueiro Florentino, *Estante em Lisboa nos Meados do Século XV. Do Tempo e da História*, 4, p. 97-117, 1971; **Portugal e o Mediterrâneo no Século XV**. Lisboa: Centro de Estudos de Marinha, 1973, p. 3-31; Uma Família de Mercadores Italianos em Portugal no Século XV: os Lomellini. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa, 22, 2ª. série, nº 2, p. 56-69, 1956. Sobre os alemães, LOPES, M. dos S. *Mare Liberum*. Lisboa, I, 1990, p. 221-245.

² La place de la course dans l'économie portuaire: l'exemple de Malte et des ports barbaresques. In: FONTENAY, M. **I porti come impresa economica**. Prato, 1988, p. 843-880.

Quint, a um verdadeiro mercado comum integrado, cujas diferentes regiões tendem a se mostrar complementares. Os portos *barbáricos* estão repletos de mercadorias, frutos das atividades corsárias: o Oriente sofrerá, por um momento, como Veneza, o contragolpe da descoberta do caminho do Cabo para as especiarias, mas, rapidamente, seus caminhos tradicionais de caravanas entrarão em ação novamente em proveito do Mediterrâneo. À porta desse mundo mediterrâneo tão rico, Portugal tira proveito e, com ele, o Mediterrâneo português do Atlântico oriental.

3. Portugal, os mediterrâneos e o Atlântico

O Mediterrâneo do Atlântico oriental, nós o vimos, é o intermediário, desde o século XV, entre o Mediterrâneo eurafricano e o Atlântico. Ele permite ao primeiro difundir no segundo sua economia, suas técnicas, os elementos de sua civilização e de já fazer dele um macro-Mediterrâneo. É do Mediterrâneo atlântico-oriental que partem as primeiras expedições de pesca para a Terra Nova, cuja toponímia, muitas vezes portuguesa, leva assim a marca de seus primeiros visitantes. É por esse Mediterrâneo que se desenvolvem as relações do outro Mediterrâneo com o norte da Europa. Os veleiros nórdicos, que venderam suas mercadorias em Sevilha contra bônus *reales* de prata, vão com estes, subindo de volta ao Norte, comprar sal em Setúbal e em Aveiro para sua grande indústria de conservas de peixe. As ilhas do Atlântico oriental são refúgios em casos de pane, de naufrágio ou de corsários. Elas permitem aos navegantes que deixam a Europa tratar suas primeiras feridas antes de se lançarem na corrida transoceânica. Para aqueles que retornam, essas ilhas fornecem as condições para que se apaguem os reverses da grande viagem, para o reabastecimento de água e víveres, para o trato dos feridos e dos doentes. Mesmo porque essas ilhas estão localizadas nas boas rotas: nos caminhos de ida (para a África, para a América ou para a Ásia), Madeira, as Canárias, as ilhas do Cabo Verde, aquelas do Golfo da Guiné; no caminho de retorno, Ascensão, Santa Helena, os Açores. Rotas paradoxais da marinha veleira, pois o caminho mais curto para ir de Lisboa ao Cabo da Boa Esperança passa por Madeira, pelas ilhas do Cabo Verde e pela costa do Brasil.

São as necessidades do Mediterrâneo e, além dele, de toda a Europa, que engendram a série de ciclos da economia atlântica: ciclo do ouro africano, brasileiro depois; ciclo do açúcar da Madeira, depois brasileiro, depois anti-

lhano; ciclo do pau-brasil; ciclo da prata; ciclo do gado; mais tarde, ciclos do café, do tabaco, do algodão. Sem dúvida, esses produtos atlânticos fazem concorrência aos produtos do Mediterrâneo de onde se originam: o açúcar de Madeira e depois, sobretudo, o do Brasil vão ser os bem-sucedidos rivais do açúcar da Sicília no mercado europeu. O vinho de Madeira virá se colocar no mercado americano ao lado daquele do Porto, da Espanha, da França ou da Itália. A produção do ouro brasileiro suplantará a do Sudão. Mais tarde, o trigo, os cereais e a carne das Américas esmagarão, por seu volume, as frágeis produções da Eurásia mediterrânea ou ultra-mediterrânea. Mas esse mundo mediterrâneo e ocidental já fora obrigado a recorrer, antes da América, às imensas produções das planícies do Nordeste e do Leste da Europa. Os anexos do Mediterrâneo eurafriano e desse outro Mediterrâneo chamado Mar do Norte – queremos dizer o Mar Negro e o Báltico – alimentaram, literalmente, com seus trigos e forneceram sua madeira ao mundo ocidental e mediterrâneo, onde as cidades e os portos conheceram um enorme crescimento devido ao desenvolvimento dos negócios em ligação com o Atlântico e a América. O trigo para os homens das cidades, para os emigrantes, e para a alimentação do branco nos trópicos. A madeira para a construção e a manutenção dos navios, sem contar o linho para as velas, o cânhamo para os cordames e o peixe ou a carne salgados para as longas travessias. Um novo equilíbrio se estabeleceu ou, antes, uma nova dinâmica que faz do Mediterrâneo português a passagem obrigatória entre o Mediterrâneo eurafriano e o Mediterrâneo nórdico, por um lado, (que já não estão ligados um ao outro pelas feiras de Champagne, como no século XIII) e, por outro lado, o Atlântico, este Atlântico americano com o qual se estabelece uma divisão mundial do trabalho.

Conseqüentemente, assim como Portugal foi capaz de desempenhar, a partir do século XV, um papel central na reorganização econômica do mundo e logrou nele encontrar seu lugar, também no fim do século XX e começo do XXI ele pode, novamente, exercer esse papel importante entre uma Eurásia em pleno impulso, uma Europa Oriental em transformação e uma América na qual sua porção latina ou neolatina assume uma importância que, desde o século XVI, jamais havia alcançado.